



IdA Instituto de Artes  
Departamento de Design

# **ROTA/RUMO**

Ana Terra Nunes Fensterseifer  
12/0006979

Junho 2017



IdA Instituto de Artes  
Departamento de Design

# ROTA/RUMO

Ana Terra Nunes Fensterseifer

Relatório do projeto **ROTA/RUMO**, diplomação em Programação Visual do curso de Design da Universidade de Brasília, orientada pela professora Daniela Garrossini.

Brasília 2016

## **RESUMO**

O projeto ROTA/RUMO busca criar cartografias coletivas de espaços de Brasília, levando em consideração aspectos além dos físicos, como sensoriais e emocionais. Por meio de pesquisa e experimentos, estas informações são levantadas e se tornam por fim uma publicação experimental com objetivo de gerar reflexão e discussão sobre o uso dos espaços estudados.

## **SUMÁRIO**

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
1.1 OBJETIVOS	6
<b>2. CONTEXTO</b>	<b>6</b>
2.1 CÁRATER INDIVIDUAL	6
2.2 CARÁTER SOCIAL	7
<b>3. PESQUISA</b>	<b>8</b>
3.1 REFERÊNCIAS INICIAIS	8
3.2 METODOLOGIA	10
3.3 A OFICINA	11
3.3.1 Conic	13
3.3.2 Oficinas do Udfinho	14
3.3.3 Oficina do Museu da República	17
3.4 QUESTIONÁRIOS	20
3.5 SELEÇÃO DE PALAVRAS CHAVE	21
<b>4. PROJETO</b>	<b>22</b>
4.1 CUSTO	22
4.2 MÉTODOS DE IMPRESSÃO	22
4.3 FORMATO DA PUBLICAÇÃO	23
4.4 ESPECIFICAÇÕES	27
4.5 DIAGRAMAÇÃO E NAMING	28
4.6 REALIZAÇÃO	31
<b>5. CONCLUSÃO</b>	<b>33</b>
<b>6. BIBLIOGRAFIA</b>	<b>34</b>
<b>ANEXO</b>	<b>35</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Os espaços em que vivemos são parte integral da forma que nos organizamos e nos comportamos em sociedade. Uma cidade pode se dispor de forma acolhedora ou segregacionista, e a forma que nós a ocupamos pode mudar totalmente seu sentido, e transformar seu espaço em algo melhor para o coletivo. Dessa forma este projeto surge buscando desenvolver uma reflexão sobre a relação de indivíduos e grupos e os espaços que habitam, por meio de experiências coletivas.

A revista ROTA/RUMO é uma forma de expor as conclusões destas experiências de forma poética, e possibilita a distribuição do conteúdo do projeto, para que este seja escoado e resulte em discussão e reflexão. Em sua primeira edição, aborda espaços de Brasília, cidade única no seu planejamento, e a forma que nós, moradores daqui, nos sentimos neles.

Propõe-se mapear estes espaços de forma cooperativa, buscando compreender melhor os desígnios da arquitetura observada, e seus resultados reais no que diz respeito à vivência cotidiana. Também serão entrevistadas pessoas participantes do mapeamento para trazer mais riqueza às bases do projeto.

A análise dos mapas é feita subjetivamente, levando em consideração as sensações e percepções dos indivíduos e procurando traduzi-las visualmente de forma que transmita as sensações e emoções que o grupo tem ao vivenciar aquele espaço.

## 1.1 OBJETIVOS

### Geral

Gerar reflexão sobre a relação espaço-indivíduo, e documentar tal relação sob uma perspectiva subjetiva e poética, num formato de publicação experimental.

### Específicos

Analisar informações colhidas sobre os espaços pesquisados nas experiências realizadas;

Compreender os objetivos arquitetônicos dos espaços escolhidos com foco na vivência do indivíduo ali, e suas ressignificações e reivindicações;

Identificar as peculiaridades dos locais pesquisados e da cidade como um todo, no que diz respeito às relações afetivas, sensoriais e comportamentais dos indivíduos;

Gerar reflexão e debate acerca da temática, do início ao fim do projeto, com as oficinas de mapeamento e a distribuição da publicação experimental.

## 2. CONTEXTO

### 2.1 CÁRATER INDIVIDUAL

Minha motivação para estudar estes espaços vem da curiosidade de compreender o quanto o espaço que nos cerca influencia nossa vida diária. Esta curiosidade surge ao conhecer a obra “Desvio para o Vermelho”, de Cildo Meireles, exibida no Inhotim em caráter permanente desde 2006. O artista



FIG 1: Desvio para o Vermelho: Impregnação. Por Cildo Meireles, 1967.

cria, por meio de três ambientes distintos, uma série de impactos psicológicos e sensoriais no espectador. No primeiro ambiente, Impregnação, o artista relata:

*Imaginei uma coisa difícil de acontecer, mas não impossível, ou uma coisa implausível, mas possível de acontecer*

MEIRELES, Cildo. “Malhas da liberdade. Entrevista com Cildo Meireles”. Princípios, n. 64, São Paulo, 2002. (pg44)

A partir desta obra, imaginei o mesmo efeito em maior escala, vivido cotidianamente. Me deparei com Brasília, cidade única. Acredito que possamos também dizer que é uma cidade implausível, mas possível. Desta forma, se deu minha motivação para compreender melhor os espaços desta cidade, e as sensações que vivemos aqui, resultantes de sua disposição sem igual.

## 2.2 CARÁTER SOCIAL

Em Brasília podemos ver uma contradição entre o planejamento e o uso dos espaços. Os ideais modernos nos quais se baseia o projeto do Plano Piloto de Lúcio Costa possuem caráter transformador social, porém podemos perceber que sua execução não dá conta da desigualdade social e econômica presente no país. Como resultado, espaços da cidade são ocupados e ressignificados.

A criação e a distribuição da publicação busca ampliar o diálogo sobre estes lugares em que vivemos, e gerar um projeto que possa ser aplicado diversas vezes em espaços diferentes para que grupos que experienciam o espaço possam colaborar na transformação dele. Assim, podemos desenvolver dinâmicas nas quais exercemos utilizamos o design como ferramenta humanizadora do espaço.

Durante a pesquisa, tentei focar nos aspectos segregadores dos espaços assim como das destaque às visões de quem mora fora do Plano Piloto, para poder compará-las. Além disso defini que a venda inicial deste material ocorreria no Conic, na Feira Dente, por ser uma das únicas feiras em Brasília que possui uma diversidade grande no público, por ser um local no centro da cidade. Dessa forma o trabalho seria exposto não apenas para quem está interessado na cena editorial local, mas para todo tipo de gente que se interesse nele.

### 3. PESQUISA

*Porque ainda fazemos zines? Porque ainda compramos zines? Porque você não as encontra em livrarias comuns, é como descobrir um pequeno tesouro. Existe uma experiência tátil envolvida, porque o formato é artesanal. Você tem controle sobre o conteúdo e a produção, e como consumidor, você pode olhar olho no olho do autor, para melhor ou para pior.*

Entrevista da CBC Arts no evento Canzine 2016 com April Alierio. tradução livre

O formato de publicação experimental e/ou artesanal de baixa tiragem, conhecido popularmente como zine, é um veículo de expressão pessoal já utilizado há décadas, por ser uma forma barata de criar conteúdo impresso. Ao se autopublicar, podemos ter controle sobre o processo inteiro que se dá, desde a concepção do conteúdo, à editoração, à impressão e escoamento do material.

Um dos motivos da escolha do formato é sua fisicalidade. Um formato mais barato e igualmente válido de disseminar informação é o digital, que nos permite outra forma de contato com o material. No entanto, um dos desafios de se autopublicar digitalmente, é ter seu material de fato encontrado por pessoas que vão se engajar ativamente com ele, já que milhares de projetos existem na web e são constantemente publicados. Ao criar um projeto impresso, que pode ser tocado e comprado ao vivo, você cria a possibilidade de uma conexão e de um diálogo imediato. Também é importante lembrar que a impressão do projeto não elimina a possibilidade de uma futura publicação e presença online.

A publicação experimental também se encaixa no fator orçamentário, e permite que eu venda o projeto por um preço unitário adequado, mesmo com a tiragem baixa e os processos artesanais envolvidos na sua criação.

#### 3.1 REFERÊNCIAS INICIAIS

Busquei projetos que abordassem a relação entre pessoas e os espaços que habitam, além do Desvio para o Vermelho. O Mapa das Sensações de São Paulo, por exemplo, pediu a contribuição de moradores e visitantes, para que deixassem seus comentários sobre espaços da cidade que remetesse à uma memória relacionada aos cinco sentidos.

Neste caso, as pessoas poderiam inserir seus comentários pela internet, e os 100 pontos turísticos mais indicados seriam adicionados ao mapa final. O projeto busca criar uma cartografia de sensações da cidade, especial-

mente voltada para o turismo, para que São Paulo possa ser experienciada por turistas sob uma nova perspectiva.

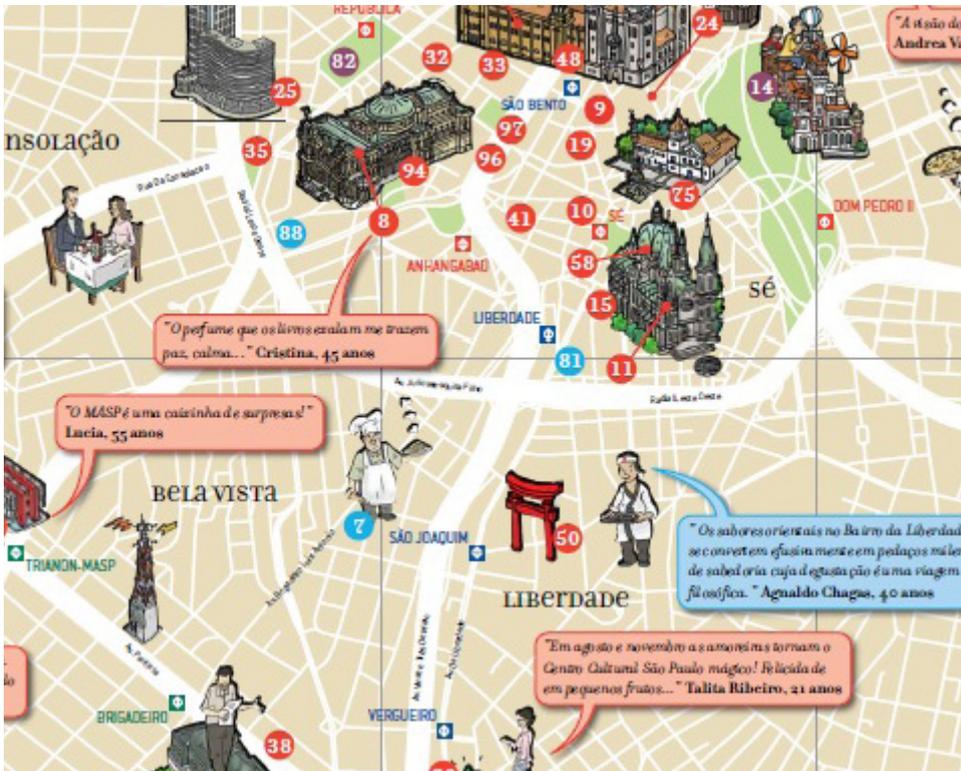


FIG 2: Mapa das Sensações de São Paulo. 2009.

A fotógrafa espanhola Olga de la Iglesia explica que cria imagens e escreve sobre elas para compreender o mundo ao seu redor e seu espaço nele. Ao viajar por países diferentes, ela dá atenção em especial a objetos fora de seu lugar, deixados de lado em lugares públicos.



FIG 3: Concrete Palms, por Olga de la Iglesia, 2016.

Em sua publicação *Concrete Palms*, Olga constrói uma nova forma de enxergar a República Dominicana, a partir de fotografias urbanas que te levam a passear pelos espaços, às vezes simétricos e às vezes confuso. Cada imagem captura um espaço improvável, e te leva a questionar se aquela captura corresponde à realidade.

Os projetos de mapeamento coletivo do grupo Iconoclasistas foram especialmente importantes para o desenvolvimento do projeto. Projetos como o Atlas Coletivo de Santa Fé buscam criar cartografias que vão além do espaço físico e levam em consideração aspectos políticos, sociais e culturais a partir das sensações e percepções da vivência dos indivíduos. Este projeto tinha como objetivo não apenas entender a percepção da comunidade quanto à cidade, como também organizar informação que torne possível iniciativas transformadoras da cidade.



FIG 4: Projeto Atlas Coletivo de Santa Fé. 2017.

### 3.2 METODOLOGIA

A metodologia escolhida para a parte de pesquisa e coleta de informações do projeto foi derivada do Manual de Mapeamento Coletivo, do grupo Iconoclasistas, que sugere oficinas em grupo para experienciar o espaço e o mapear. Defini que seria uma forma de captar não apenas informações faladas ou escritas, mas também visuais e gráficas geradas pelos participantes do mapeamento. Além disso esta metodologia tem caráter transformador:

*O ato de mapear é uma dinâmica pela qual nós construímos e fortalecemos novos paradigmas de compreensão da nossa realidade.*

Manual de Mapeo Colectivo. Iconoclasistas, 2016

Dessa forma, por meio de encontros, poderíamos desenvolver novas formas de enxergar os espaços escolhidos, refletir sobre eles e angariar conteúdo para a publicação final.

### 3.3 A OFICINA

Por meio da realização de oficinas de mapeamento, podemos criar um diagnóstico de problemas identificados comumente nos locais escolhidos que vai além da entrevista, ou do questionário, por incorporar recursos criativos e visuais nos quais ideias subjetivas podem ser mais facilmente compreendidas. A oficina proposta, derivada de um dos guias do Manual de Mapeamento Coletivo, aconteceria durante um dia com duração de duas horas e participantes que se inscreveram através de um convite feito on-line em redes sociais. Busquei uma amostragem que, independente de idade ou gênero, tivesse vivência nos espaços pesquisados.

Foram definidos três espaços da cidade nos quais temos grande volume de movimento cotidianamente, sendo estes:

- A entrada do ICC sul, conhecida como o UDFinho;
- O Setor de Diversões Sul, conhecido como o CONIC;
- O complexo do Museu Nacional.

Estes locais foram escolhidos para que pudéssemos compreender de que forma eram ocupados, se foram projetados para tal uso, ou se as pessoas que os utilizam trouxeram novos significados a eles, levando em conta o contexto brasileiro.

Foram definidas três atividades para as oficinas, recomendadas pelo manual, para que pudéssemos colher informações pertinentes e interessantes ao projeto com o engajamento dos participantes:

*Ao iniciar um workshop, o primeiro exercício cartográfico consiste em marcar, individualmente, em mapas do território uma série de questões que estimulam os participantes a lembrar zonas, rotas e lugares, e tudo o que eles gostam ou desgostam sobre aquele espaço.*

Manual de Mapeo Colectivo. Iconoclasistas, 2016

A primeira atividade seria uma conversa inicial e breve apresentação dosicineiros, e explicação do projeto e seus objetivos. Nesta conversa inicial também são abordadas as memórias do participantes quanto ao local, incluindo perguntas para instigar a memória deles, como sugerido pelo manual;

Após esta etapa, foi realizada uma caminhada em grupo pelo espaço com mapas individuais para que fossem anotados informações pertinentes para

cada indivíduo de forma livre, podendo ser escrita ou desenhada. Durante a caminhada, os membros também eram guiados vendados por um período de dois a cinco minutos, um por vez, para que pudessem ter uma experiência diferente no espaço que não envolvesse a visão;

A última atividade definida foi o mapeamento coletivo em si, no qual o grupo apresenta seus mapas individuais, discute a relevância das diferentes informações colhidas, e decide quais devem ser relevantes para o mapa e quais não. O grupo então dispõe de diversos materiais de arte como lápis de cor, papéis para colagem, giz de cera, entre outros, para desenhar e escrever no mapa.

Além disso todas as oficinas seriam fotografadas, ou com o auxílio de um ajudante, ou por mim mesma e pelos participantes. As fotos serviriam não só para documentar as atividades, mas também para compor a publicação final.

QUER PARTICIPAR? ENVIE UM EMAIL PARA TERRAFENSTER@GMAIL.COM COM ASSUNTO MAPEAMENTO SENSORIAL

**OFICINA DE MAPEAMENTO SENSORIAL**

**CONIC** 10/04  
**UDFINHO UNB** 12/04  
**MUSEU NACIONAL** 15/04

CONIC E UDFINHO: 9H ÀS 11H  
MUSEU NACIONAL: 16H ÀS 18H

10/04 CONIC 9h às 11h  
12/04 UDFinho 9h às 11h  
15/04 MUSEU NACIONAL 16h Às 18h

FIG 5: convites feitos on-line para as inscrições.

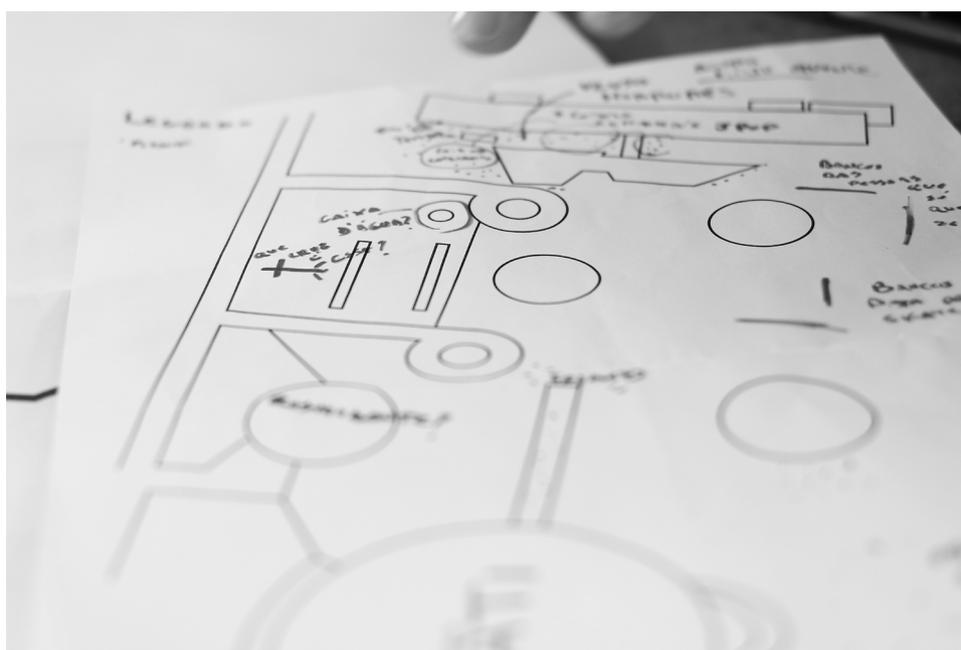


FIG 6: Mapa individual do participante, com notas pessoais.

### 3.3.1 Conic

A oficina destinada ao espaço do Setor de Diversões Sul, conhecido como CONIC, ocorreu no dia 10/04 às 9h. Esta foi a minha primeira experiência na realização da oficina, e apesar de não ocorrer como o planejado, me trouxe base para a realização das próximas.

Nesta oficina, de seis inscritos, compareceram apenas dois, o que dificultou a aplicação das atividades. Realizamos a primeira atividade, e conversamos sobre o CONIC. Chegamos a conclusão de que é um dos espaços mais improváveis de Brasília, onde podemos observar choques culturais constantes, e uma grande diversidade sociocultural.

No decorrer da segunda atividade, de caminhada, percebemos que o espaço escolhido era muito vasto e complexo para ser mapeado dentro de duas horas. O CONIC conta com aproximadamente 16 edifícios diferentes, com lojas, espaços de entretenimento, praças, etc, tanto no térreo quanto no subsolo.

Por ser a primeira oficina, foram coletadas informações pertinentes para as próximas, mesmo que ela não tenha sido realizada da forma planejada. Defini então que para as próximas datas, priorizaria participantes conhecidos e confirmaria mais vezes com os mesmos antes das oficinas, para ter certeza de que teria quórum para o acontecimento das mesmas. Além disso, compreendi que apesar de ser um espaço extremamente interessante para a minha pesquisa, o CONIC necessitaria de mais tempo do que eu dispunha para o mapeamento neste projeto, podendo ser objeto de estudo para uma próxima edição.

Aqui no conic **não existe uma curadoria**, o crescimento é quase espontâneo

Frases chave da conversa relativa ao espaço do Conic

Acho interessante que aqui tem uma estrutura meio **labiríntica**. Não existe orientação nenhuma aqui

Curioso também o tanto que coisas que **coexistem** aqui nesse espaço. Igreja evangélica, boate gay, dulcina, kingdom comics, curso de empreendedorismo, e lá embaixo aqueles lugares que você compra atestado médico.

Adoro essas coisas, isso aqui é uma incongruência, uma inflexão, tá ligado? Juntou duas placas tectônicas, sobra uma brecha, não dá jeito. Mas tu **imagina a potência disso aqui se houvesse um diálogo com arte**, uma obra de arte nesse espaço. Uma instalação.



FIG 7: Oficina de mapeamento no CONIC.

### 3.3.2 Oficinas do Udfinho

A oficina de mapeamento do UDFinho foi marcada para o dia 12/04 às 9h, com ponto de encontro na entrada sul do ICC. Neste caso, os participantes foram lembrados de antemão do compromisso, de forma que todos os quatro inscritos compareceram.

Pudemos realizar as três atividades com êxito, e os participantes tiveram interesse na atividade. Durante a primeira e a segunda atividade, utilizei um gravador para poder transcrever depois as informações coletadas. Nesta oficina, percebi que é necessário que eu mesma participe ativamente da terceira etapa, de mapeamento coletivo, e deixe claro que eles estão livres para adicionar informação ali da forma que preferirem. Quando isso acontece o participante se sente mais livre e consegue se expressar mais facilmente.

Nossa, eu era viciado naquele cafézinho da nestlé ali, meu sabor do primeiro e segundo semestre haha.

Foi o **primeiro lugar** que eu vim na UnB. Não gostei muito não,

Frases chave da conversa relativa ao espaço do UDFinho.

me perdi muito, mas hoje em dia **gosto porque é aberto.**

Esse lado da UnB me parece mais desconhecido. Eu fiz história e era só do outro lado.

Eu sempre curti muito a pala de como é diferente aqui do ceubinho. Sensorialmente também eu acho, **o chão é diferente**, fica áspero, lá é lisinho.

O jardim é diferente também. Acho que eu to viajando mas **parece que eu viajo no tempo quando eu venho pra cá.** A grama é mais seca, as pessoas são diferentes, não é muito movimentado.

Uma coisa que também acaba com esse espaço é a agronomia daquele lado. Porque eu me lembro que no primeiro semestre nosso CA ficava alí embaixo no corredor da morte, e eu passava por alí. **Sempre eles me zoavam por causa das minhas roupas, sempre.** A minha amiga também porque ela foi entrevistada para falar sobre o trote daí ela “ah não sei, só sei que o trote da agronomia é bem palha né?”. Eles pegaram a foto dela da matéria e colocaram assim na porta do CA escrito “família restart não vai deixar barato”.

Maluco esse espaço porque é muito aberto e muito vazio.

Mas aqui embaixo **não tem nada de vazio**



FIG 8: Mapeamento coletivo no UDFinho



FIG 9: Atividade de passeio pelo local com mapa individual.



FIG 10: Mapa individual

### 3.3.3 Oficina do Museu da República

A oficina realizada no Museu da República ocorreu dia 15/04, às 16h. O local da oficina é, na verdade, o Complexo Cultural da República, que inclui também o espaço da Biblioteca Nacional e o espaço de concreto entre ela e o Museu. Todos os participantes compareceram à oficina, também sendo avisados um dia antes da mesma.

Durante esta oficina pude observar maior curiosidade e atenção por parte dos participantes, e também maior engajamento. Acredito que seja um espaço por si só curioso, e que agrega também o valor da ocupação que acontece lá por parte do público mas além disso é um espaço bem delimitado, diferente do UDFinho, com um objetivo claro em seu planejamento e execução, o que torna mais fácil expressar opiniões e emoções sobre a disposição do espaço. Dessa forma acredito que foi a oficina mais bem sucedida e amadurecida dentre todas, na qual pude realizar as atividades de forma tranquila, coletando mais informações do que nas anteriores.

Eu vim ver exposições interessantes e andar de patins. Uma exposição foi a primeira que teve aqui no museu, uma de samurais, outra vez fui com a UnB mesmo. Pra biblioteca eu vim uma vez, no máximo.

Frases chave da conversa relativa ao espaço do Museu da República

Eu vim para a bienal do design, mas **o museu mesmo em si não é um espaço que eu frequento** tanto.

Interessante porque Brasília tem espaços muito amplos, muito abertos, mas **a gente só frequenta se tiver algo muito específico**. Por isso eu gosto de vir andar de patins aqui, a gente ta aproveitando o espaço e as vantagens dele. E a gente não faz isso muito.

Eu acho que isso acontece porque é muito setorizado e longe, não é um espaço amplo e legal perto das nossas casas. E o acesso de certos lugares é difícil. Difícil estacionar ou chegar lá, e longe.

Aqui é bem mais frequentado do que outros espaços assim, por conta da rodoviária. Galera que vem de onibus ou metro. Mas praça dos três poderes é enorme, maior que aqui, mas fica vazio. Só tem turista lá.

**Então eu venho aqui e uso o espaço da forma que ele foi projetado pra ser usado, mas também como ele é ocupado as vezes tipo pra show e também da forma que a gente mesmo ocupa.**

Era um gramadão aqui ne e virou tudo concreto, e não necessariamente eu acho ruim.

Não me incomodo com o concreto não, me incomodo com o mau uso do espaço.

Aqui é bizarro porque tem os projetos, **e eu não sei como se dá a interação das pessoas com o meio e do meio com as pessoas, mas acaba que um influencia o outro e um transforma o outro.**

**Eu me incomodo sim com esse espaço**, com a falta de sombra, e acho que o concreto exarcerba isso. Tudo bem que o gramado não tem sombra de qualquer jeito mas não reflete. O mesmo problema acontece no memorial da america latina, é ótimo ir lá de noite, mas quando você quer atravessar aquilo duas da tarde é muito chato.

Esse espaço é um pouco uma praça, mas se tivesse mais sombra ou comércio, **teria como acolher as pessoas melhor.** Tem pouco lugar pra sentar e sem sombras.

Eu vi numa pesquisa que **Brasília é uma das cidades com maior luminosidade do mundo.** Que por isso as placas são verdes, é porque a cor contrasta bem na claridade daqui para poder ser lida melhor. Achei interessante, aqui é realmente sempre muito claro, no concreto principalmente.

Eu acho que pelo fato de não ter muito banco **o pessoal acaba ocupando**, andando de skate, claro que se tivesse mais espaço com sombra o pessoal ocupava mais. A maioria esmagadora do espaço é esse sol.



FIG 12: Oficina de mapeamento no Museu da República

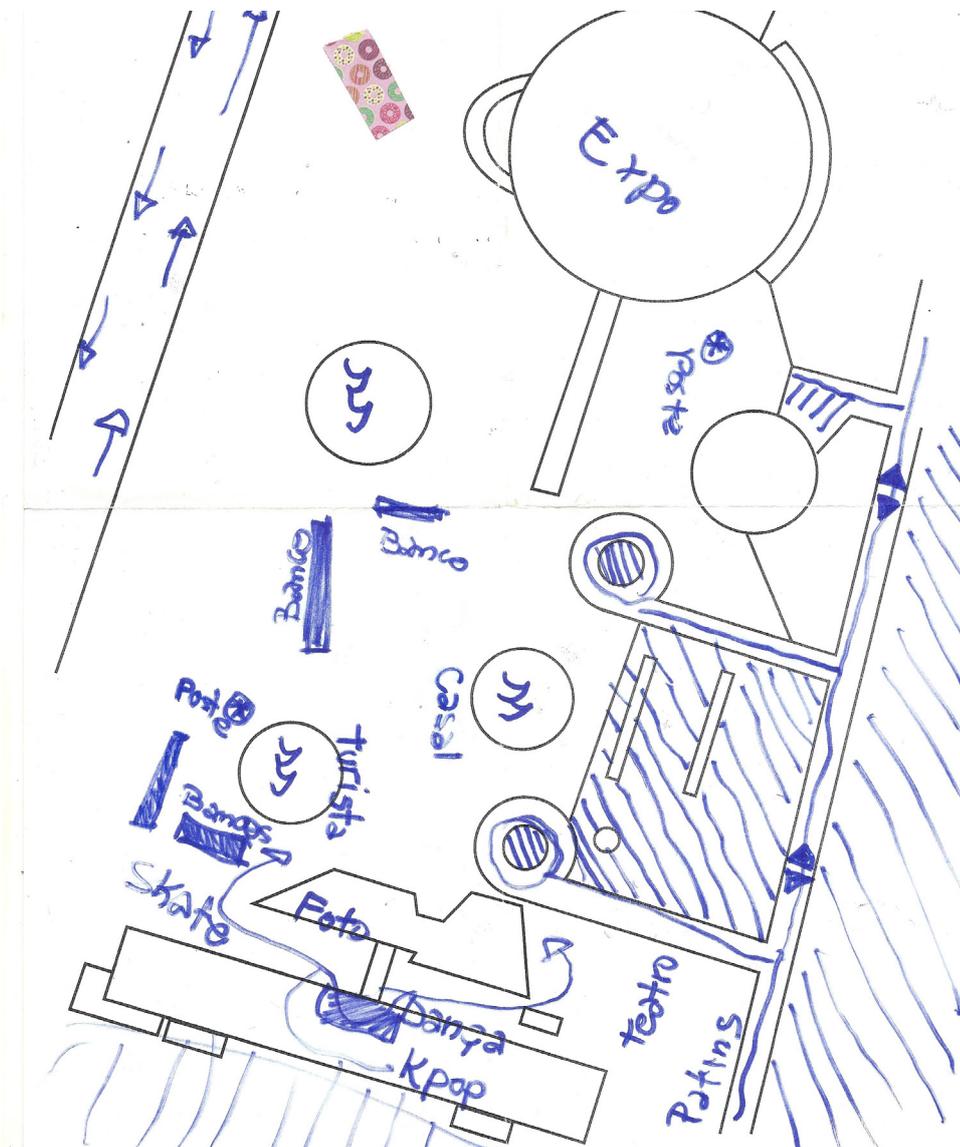


FIG 13: Mapa individual



**FIG 14:** Atividade de passeio pelo Complexo Cultural da República.

### 3.4 QUESTIONÁRIOS

Após as entrevistas, alguns participantes selecionados receberam um questionário on-line para complementar as informações colhidas nos workshops. O objetivo destes era trazer os questionamentos levantados durante as oficinas e aplicá-los em uma escala maior, a de cidade, para que eu pudesse planejar novas edições da revista de acordo com os interesses dos participantes. As perguntas incluídas foram:

De qual oficina de mapeamento você participou?

Qual é seu espaço público preferido em Brasília? O que você gosta nele e o que poderia melhorar?

Se você nunca mais pudesse vir para Brasília, sentiria falta da cidade? Do que, mais especificamente?

Na sua opinião, os espaços públicos de Brasília facilitam o contato e convivência humana? Quais aspectos te dão essa impressão?

As respostas denotavam interesse em espaços que eu não havia considerado para o projeto, como entrequadras, o zoológico, o parque da cidade, entre outros. Além disso recebi respostas interessantes à última pergunta, que levei em consideração ao seguir com o trabalho, como:

Espaços de convivência dos pilotis e entrequadras no plano piloto são convidativos: providenciam sombra, abrigo e onde sentar. Os espaços monumentais nem tanto, e **as distâncias podem cumprir papel de segregação** também.

Em algumas quadras parece haver uma boa convivência entre os moradores, alguns transitam e interagem nas áreas livres. Mas ao mesmo tempo, **toda a cidade tem uma dimensão espacial segregadora para quem é de fora do plano piloto.**

A partir das respostas recebidas, ficou cada vez mais claro que a cidade não era acolhedora ou necessariamente agradável ao morador de fora do plano piloto, e que mudanças devem ser feitas para que a cidade se torne menos segregadora.

### 3.5 SELEÇÃO DE PALAVRAS CHAVE

Após coletar todo o conteúdo das oficinas, eu teria de definir quais informações seriam utilizadas na publicação, e que forma elas tomariam. Selecionei as informações mais interessantes para esta primeira edição da zine e defini que iria omitir a oficina do Conic, visto que a mesma não chegou nos resultados esperados, e portanto incluiria apenas os dados obtidos no UDFinho e no Museu da República.

Assim, ao transcrever as gravações dos encontros, pude selecionar palavras chave que os participantes associaram ao espaço, e frases e momentos interessantes da experiência. Além disso, selecionei fotos da experiência e do espaço que fossem interessantes.

As palavras chave servem como guia para a construção gráfica das páginas, e também para compreender melhor quais informações devem receber destaque na publicação e quais não.

Palavras-chave do UDFinho:

**ANSIEDADE VAZIO SOL CALOR SILÊNCIO  
ENERGIA DESANSO DESCONFORTO CALMA  
TEMPO ABUSO PASSAGEM CANSAÇO**

Palavras-chave do Museu da República:

**ACOLHEDOR CALOR RAIVA NOSTALGIA  
GRAMA SOMBRA BANCO SKATE CONCRETO  
ACESSIVEL ÚNICO COMPLEXO DIFERENTE**

## 4. PROJETO

Eu queria compartilhar essas informações em um projeto editorial que se relacionasse com o conceito de mapeamento e para conseguir chegar neste resultado com mais facilidade, defini algumas limitações ao projeto que me ajudariam a encontrar soluções editoriais plausíveis. Estas se referem ao custo, aos métodos de impressão, e ao formato da publicação.

### 4.1 CUSTO

Ao criar uma publicação experimental de baixa tiragem, o custo é uma das principais limitações com as quais nos deparamos. Uma impressão de 4/4 cores em offset ou em impressão digital tem um custo unitário alto para baixas tiragens, e portanto, foi uma opção eliminada. Parte importante do projeto é que ele possa ser distribuído por meio de vendas locais, e portanto, queria que seu valor unitário fosse baixo para que pudesse vender o projeto à um preço que cobrisse meus custos e fosse amigável para o consumidor.

A partir desta limitação, escolhi a risografia e a serigrafia como forma de impressão do projeto. Além de incentivar a produção local, imprimindo em pequenos laboratórios especializados em baixas tiragens, estas formas de impressão me impunham suas próprias limitações e opções gráficas. A partir destas escolhas pude definir uma tiragem de 50 exemplares da publicação para a sua primeira edição.

### 4.2 MÉTODOS DE IMPRESSÃO

Escolhi a risografia para a impressão principal do conteúdo da revista, em preto. A risografia funciona como uma serigrafia automatizada, imprimindo na Riso com uma tinta à base de cera no papel de forma rápida, com uma matriz interna que permite a impressão de apenas uma cor por vez. Este método, interessante para impressões de pequeno porte, cai em desuso com a chegada da impressão digital, que supre melhor esta demanda. Por ser um método em desuso, tem um custo bom para publicações de tiragem pequena, em especial zines, e traz texturas interessantes únicas ao seu método, o que enriquece o processo.

Ao descobrir que a Riso local não possuía muitas opções de cor, procurei uma segunda forma de impressão que eu pudesse utilizar para grafismos auxiliares à publicação. Escolhi a serigrafia por ter acesso ao laboratório do Ateliê Nova. A escolha da risografia havia barateado a impressão unitária, de forma que poderia imprimir em serigrafia tranquilamente, e trazer ao produto

final não só às sensações táteis que podemos obter por meio da serigrafia, mas também o valor da impressão manual associada à um projeto cujo muitas das informações foram coletadas por meios manuais.

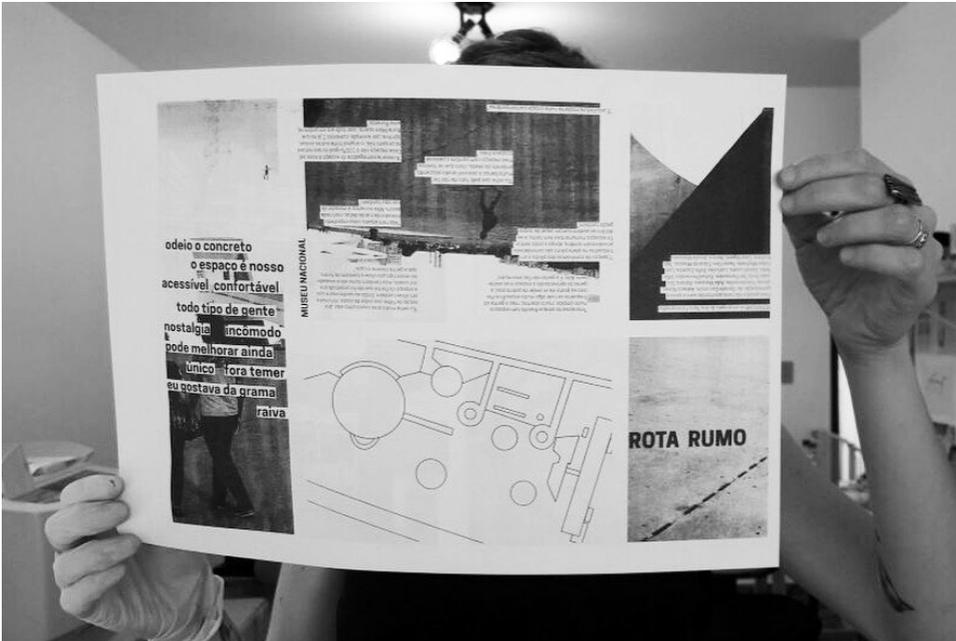


FIG 15: A impressão em risografia da revista

#### 4.3 FORMATO DA PUBLICAÇÃO

A autora coreana Suzy Lee encara o livro não enquanto tela bidimensional na qual ela irá projetar suas palavras e imagens, mas como objeto tridimensional no qual todos os aspectos de sua fisicalidade são instrumentais para o projeto editorial. Em “A trilogia da margem: O livro-imagem segundo Suzy Lee”, ela explica que ao criar um livro impresso, você deve se dobrar às limitações impostas sob sua forma mas que estas são, na verdade, liberadoras à criatividade do artista.

*Abrimos um livro ilustrado. Olhamos o sonho “dentro” do livro. Entretanto, de uma maneira ou outra, somos afetados pelo seu formato, a textura do papel, a direção na qual as páginas são viradas. Os aspectos físicos do livro podem limitar a imaginação do artista, mas, por outro lado, podem se tornar um novo ponto de partida para a imaginação. Após cairmos dentro de um livro e voltarmos como de um sonho, o livro como objeto nos parece totalmente diferente.*

LEE, Suzy. “A trilogia da margem. O livro-imagem segundo Suzy Lee”. Cosacnaify, n. 1, São Paulo, 2012

Em busca de delimitar minhas próprias margens, percebi que as escolhas já feitas já me ajudavam nesta questão. Associado ao custo, o formato da publicação teria de se manter fiel ao conceito do projeto, sem se tornar algo de grande escala. A escolha dos processos gráficos também gerava uma limitação ao formato, pois a Riso possui mancha de impressão de 395x274 cm, menor que o tamanho de um papel A3 e a serigrafia, por ser um processo manual, deveria ser simples o bastante para que as impressões pudessem ser realizadas sem grandes atrasos.

O livro “How to Make Books” escrito por Esther Smith foi parte importante das explorações que fiz para encontrar um formato que se adequasse às minhas necessidades. Apesar da autora pesquisar diversas formas de costura em seu livro, minha atenção se voltou para o primeiro capítulo, que contém os formatos mais simples obtidos apenas por dobras, conhecidos como os livros instantâneos (instant books). A dobra básica de um livro instantâneo consiste em dividir o papel em oito partes iguais, e cortá-lo no meio. Com este método você faz um livro simples de oito páginas utilizando apenas uma folha de papel.

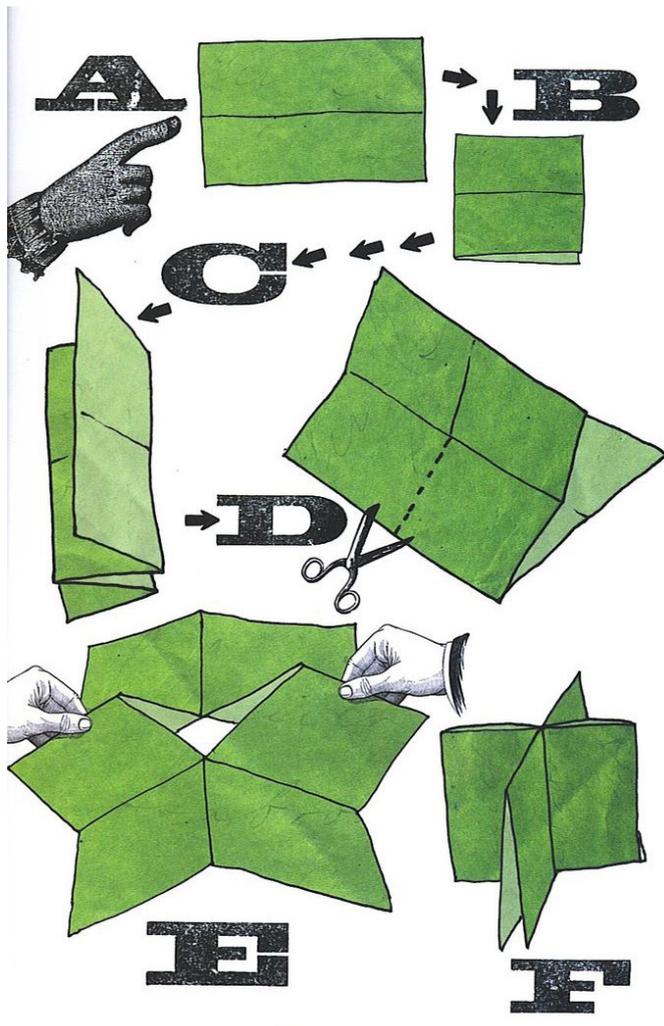


FIG 16: O livro instantâneo, How to Make Books por Esther Smith, 2009.

Apesar de ser um método interessante, eu sabia que teria de ter mais páginas do que apenas oito. Neste momento, parti em busca de diferentes referências que me ajudariam.

A primeira obra que chamou a minha atenção foi Space Race, por Tom Cole. O livro é feito no formato sanfona, permitindo que o leitor passeie e explore sua fisicalidade junto com o conteúdo do livro. Junto à sanfona, vem uma jaqueta com as informações principais do livro. Achei interessante o uso da jaqueta neste caso, como parte integral do livro, sem a qual ele não estaria completo.



FIG 17: Space Race, por Tom Cole

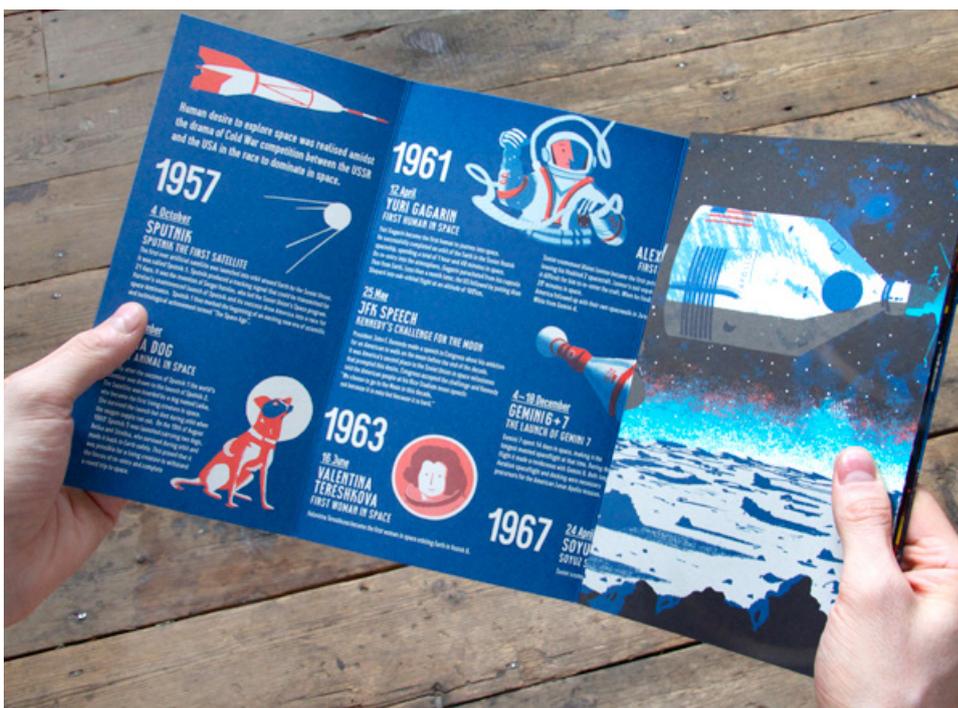


FIG 18: Space Race sendo lido com a jaqueta explicativa

Queria então combinar a facilidade e baixo custo do livro instantâneo com a sensação de exploração e passeio que se têm num livro de sanfona, como o Space Race. Por fim, encontrei uma publicação que, na minha opinião, formava um bom equilíbrio entre ambas qualidades desejadas. A publicação Specimen, do Studio Fludd, é impressa em apenas uma folha de papel, dividida em oito como no livro instantâneo. Mas, o corte feito no meio se estende a uma das extremidades do papel, resultando em uma sanfona que utiliza também o verso do papel, e gerando 16 páginas.



FIG 19: Specimen, por Studio Fludd, 2015.

Mesmo tendo definido este formato, a impressão com mancha menor que a de um A3 resultava em um espaço muito pequeno para inserir todas as informações relevantes do projeto. Decidi então que a publicação possuiria um poster em conjunto, no qual seriam impressos os mapas coletivos realizados nas oficinas. Este, dobrado, funcionaria como jaqueta da publicação, e também como parte integral do projeto.

Assim escolhi que cada oficina teria seu espaço na publicação, contendo uma página dupla de considerações feitas pelos participantes, uma página dupla de palavras-chave que eram utilizadas para descrever o espaço e uma página dupla contendo uma sobreposição dos mapas individuais feitos pelos participantes na segunda etapa da oficina. O mapa coletivo viria então anexado à publicação principal.

O papel definido para o projeto principal, da publicação, foi o Colorplus Creme de 120g/m<sup>2</sup>, e para o poster em anexo, foi escolhido o papel Colorplus de 120g/m<sup>2</sup> no vermelho Tóquio.

#### 4.4 ESPECIFICAÇÕES

Já havia trabalhado com a família Cooper Hewitt nos convites realizados, e resolvi a manter no projeto impresso por ter boa legibilidade e ser uma família extensa e completa.

A arquitetura está entre a ciência e a arte.

Cooper Hewitt Book

**A arquitetura está entre a ciência e a arte.**

Cooper Hewitt Bold

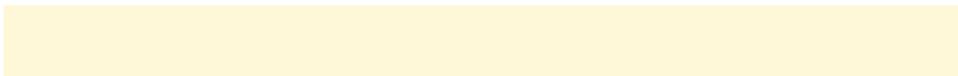
Para as cores, defini o preto como cor da impressão principal devido à limitação da impressão risográfica. A partir dele, escolhi o vermelho, primeiramente pela sua relação com mapas físicos, e com a memória de marcar em vermelho algo em um mapa. Dessa forma, a publicação primária teria destaques em vermelho para acentuar essa relação. Além do vermelho, percebi que o creme do papel Colorplus ficaria interessante numa impressão em papel vermelho. Portanto, cheguei à paleta preto, vermelho e creme.



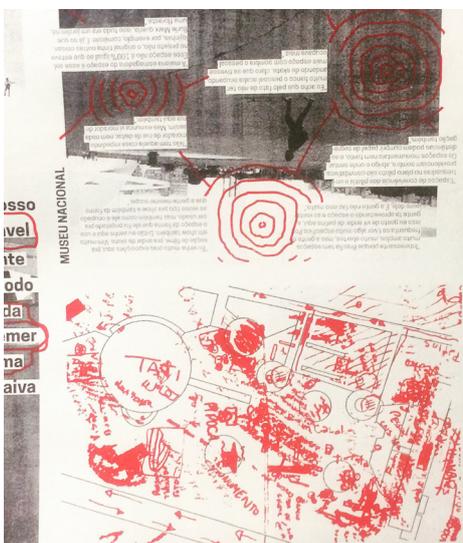
**PRETO**  
C=0 M=0 Y=0 K=100



**VERMELHO VIVO**  
Gênesis 010



**CREME (APROXIMAÇÃO)**  
C=0 M=2 Y=17 K=0



**FIG 20:** Impressão destaque em vermelho no papel creme, e impressão destaque em creme no papel vermelho.

#### 4.5 DIAGRAMAÇÃO E NAMING

A diagramação de uma publicação menor que um papel A6 apresenta alguns desafios referentes à adequação de grids e margens à sua escala pequena. Foi definida uma margem de 0,5cm ao redor das páginas, pois a sangria não seria possível por meio da impressão risográfica.

Trabalhei inicialmente com um grid de seis colunas, que utilizei para organizar os textos e imagens. Ao imprimir a zine pela primeira vez, senti que estava muito engessada por este grid, que gerava dificuldades num espaço tão pequeno. Resolvi então retirar o grid, e adicionar os elementos de forma livre, como em uma colagem, buscando referenciar zines de banda em que o texto impresso seria colado com aleatoriedade. Dessa forma encontrei um meio termo entre a aleatoriedade completa da colagem, e a forma completamente definida do grid.

A partir dos elementos textuais e fotográficos adicionei os elementos gráficos auxiliares. Estes são elementos de significado poético à publicação, que buscam remeter à cartografias mas também levar o leitor para passear por um caminho visual, assim como a própria forma o leva num caminho tátil.

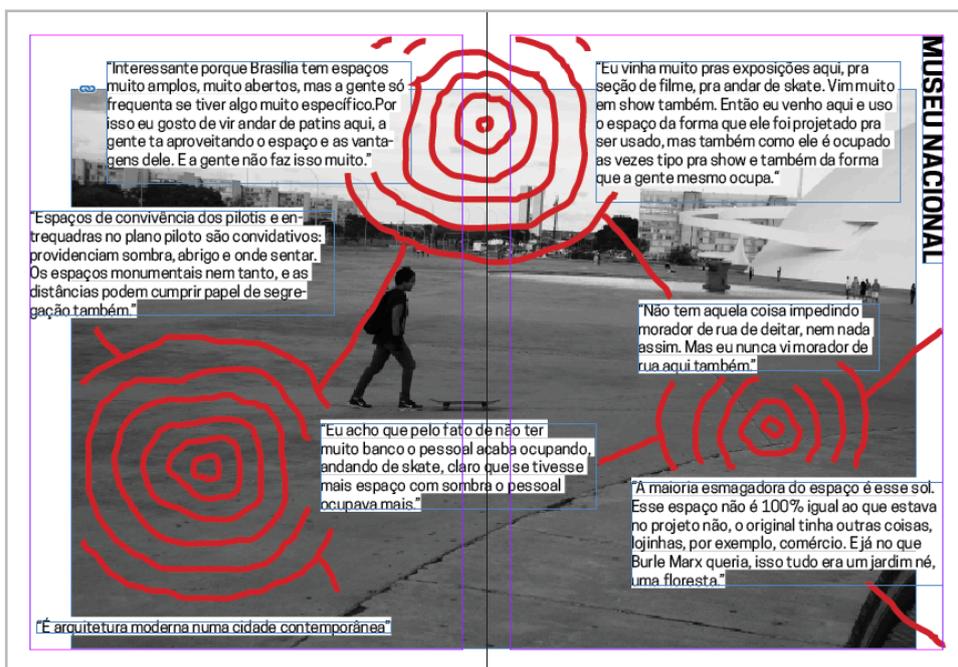


FIG 21: exemplo da margem de 0,5cm

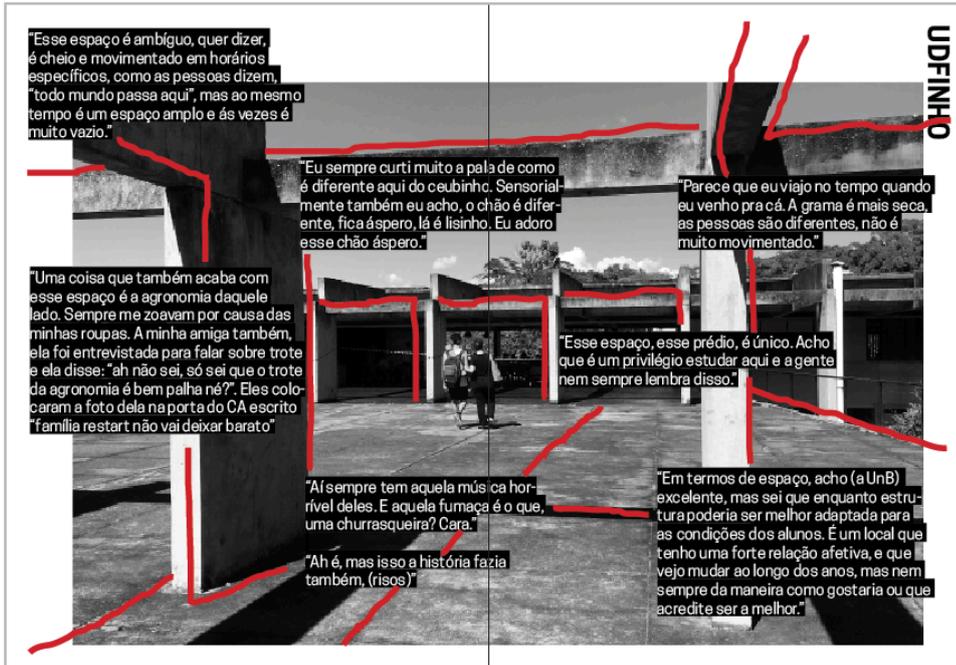


FIG 22: Exemplo de diagramação das páginas da publicação

Por conta das formas de impressão escolhidas, as imagens acima são simulações do resultado final. Tanto na risografia quanto na serigrafia, podemos observar mudanças de registro e cor.

Por fim, a definição do nome do projeto se deu por meio de uma lista de palavras chave relacionadas aos termos. O nome ROTA/RUMO foi uma escolha fácil entre as opções, pois do começo ao fim este projeto se dispõe a levar o indivíduo por uma trajetória, seja ela real durante as oficinas, ou visual e textual durante a leitura da publicação.

Mapa > quadro > planta > projeto > bússola  
> **rumo** > direção > compasso > guia > norte  
> meta > trajeto > curso > **rota** > fronteira >  
limiar > margem > divisa > marco > limite >  
margem > beira > borda

Palavras-chave e termos relacionados

Os mapas coletivos foram impressos em formato de poster, da forma que foram desenhados pelos participantes. O mapa em si foi impresso em preto, e as contribuições coletivas foram impressas em creme, pela serigrafia

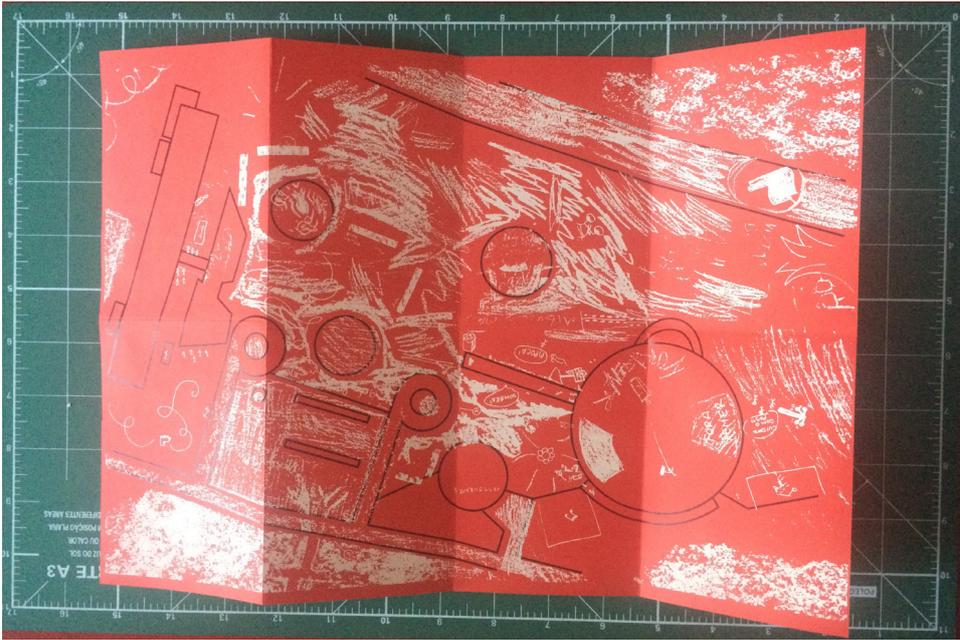


FIG 23: Poster do mapa coletivo impresso



FIG 24: Capa da publicação ROTA/RUMO

## 4.6 REALIZAÇÃO

A publicação ROTA/RUMO foi impressa primeiramente em risografia, na Fuido Printshop, com o apoio de Taís Koshino e Livia Viganó. A impressão então passou para a serigrafia, no Ateliê Nova, sob a supervisão do Neno. Em ambas etapas foram realizadas 200 impressões. Montei eu mesma as 50 unidades, prezando pela qualidade de cada uma. O toque final para sua apresentação seria o elástico de látex amarelo, utilizado para fechar a publicação como uma luva.



FIG 25: Impressão do projeto em serigrafia.

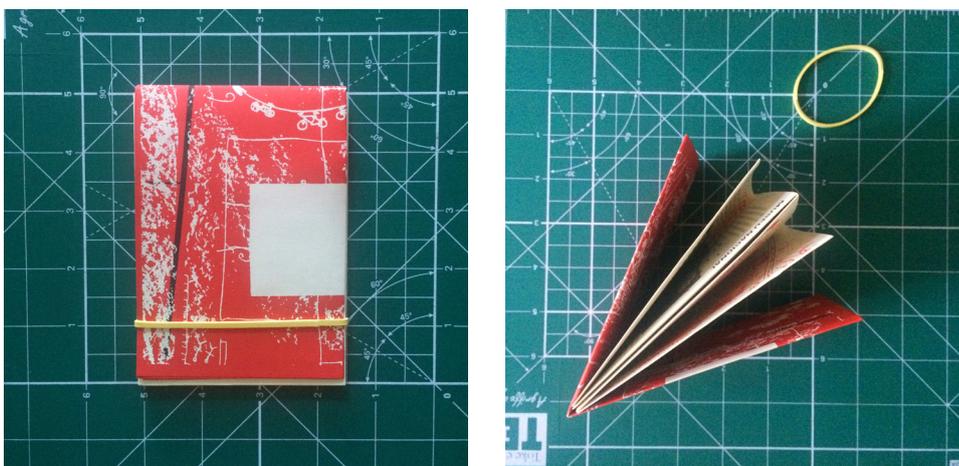


FIG 26: Projeto impresso e montado.

Dessa forma, a impressão e montagem da zine foi finalizada para as vendas, com preço unitário de R\$13,80 podendo ser vendida à R\$20,00. Um detalhe que contribuiu para a delicadeza do projeto finalizado foi a possibilidade de 16 capas diferentes, obtidos através de diferentes dobras dos cartazes de mapas coletivos.

No dia 17/06 a zine foi lançada oficialmente na terceira edição da Feira Dente - Feira de Publicações Independentes, no Conic. O lançamento e venda da zine foi instrumental para que o projeto estivesse finalmente concluído, e para que eu pudesse ter o contato com o consumidor daquele produto.



FIG 27 e 28: Zine ROTA/RUMO exposta na Feira Dente

## 5. CONCLUSÃO

*Faça livros pela diversão, pela fama e pela grana!*

Smith, Esther. "Como Fazer Livros". Potter Craft, n. 1, Estados Unidos, 2007

A escolha da temática do meu projeto final no curso de Design não foi fácil. Por vezes me senti acuada de idealizar projetos que soassem grandiosos ou complexos, e de encarar de frente ideias que não me fossem familiares. A temática que me interessava, relacionada a espaços e a nossa experiência nós mesmos, era nova para mim e portanto intimidadora.

Optar pelo formato de publicação experimental foi a saída pela qual pude trazer esta temática para a minha realidade, a de editora de mim mesma. Assim tive a chance de criar algo que amo e que estudo constantemente, o impresso, e adentrar por meio dele uma pesquisa que me interessava.

Uma das grandes motivações deste projeto foi poder ver ele concluído, e saber que todas as etapas, da concepção à distribuição foram resultado do trabalho tanto meu como dos participantes, e que ele pode ser refeito, reimaginado e replicado em diversos contextos, sejam ele outros espaços da cidade, ou outras cidades, ou outros países.

Além de tudo tive o prazer de conhecer melhor espaços onde vivo, de os experienciar de forma diferente, e possivelmente fazer com que outras pessoas o experienciem e vejam de outras formas também, e se sintam representadas na própria publicação. Pude perceber o quanto vivemos numa cidade única, e quanta reflexão isso merece para que ela mude para melhor sempre, conforme a necessidade de quem mora nela.

## 6. BIBLIOGRAFIA

MEIRELES, Cildo. "Malhas da liberdade. Entrevista com Cildo Meireles". *Princípios*, n. 64, São Paulo, 2002.

Iconoclastas. "Manual de Mapeo Colectivo". Argentina, 2016. Disponível em: < [https://issuu.com/iconoclastas/docs/manual\\_mapping\\_ingles](https://issuu.com/iconoclastas/docs/manual_mapping_ingles)>

"Mapa das Sensações de São Paulo". São Paulo, 2009. Disponível em: < [http://imprensa.spturis.com/imprensa/releases/pdf/release\\_lancamento\\_mapa-das-sensacoes\\_final.pdf](http://imprensa.spturis.com/imprensa/releases/pdf/release_lancamento_mapa-das-sensacoes_final.pdf)>

LEE, Suzy. "A trilogia da margem. O livro-imagem segundo Suzy Lee". *Cosacnaify*, n. 1, São Paulo, 2012.

SMITH, Esther. "How to Make Books". *Potter Craft*, n. 1, Estados Unidos, 2007.

BARTRAM, Alan. "Five Hundred Years of Book Design". Yale University Press, Estados Unidos, 2001.

NIKOLAJEVA, Maria. SCOTT, Carole. "Livro Ilustrado: Palavras e Imagens". *Cosacnaify*, São Paulo, 2011.

BIRDSALL, Derek. "Notes on Book Design". Yale University Press, Estados Unidos, 2014.

PEDROSA, Israel. "Da Cor à Cor Inexistente". *Senac*, n. 10, São Paulo, 2009.

KANEGUSUKU, Akemi. "A Posse do Objeto". UnB, Brasília, 2016.

CSIKSZENTMIHALY, Mihaly. HALTON, Eugene. *The Meaning of Things*. Cambridge University Press. Cambridge, 1981.

CESAR, Newton. "Mídia Impressa". Editora Novas Ideias, Rio de Janeiro, 2007.

PIE BOOKS, "Color Graphics". Nippan, Alemanha, 1999.

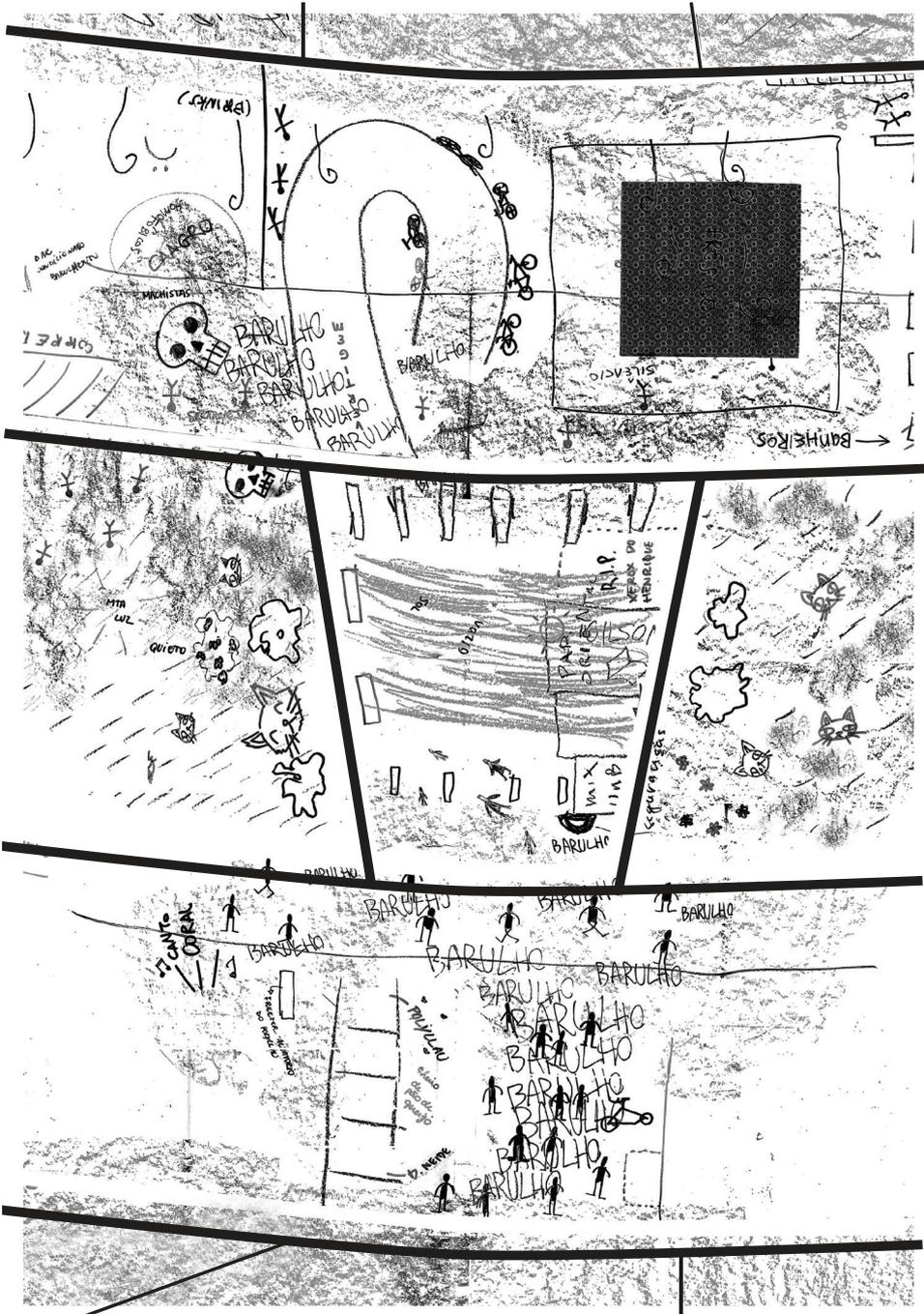
COLE, Tom. "Space Race". Nobrow Press, Londres, 2013.

STUDIO FLUDD. "Specimen". *Print About Me*, Itália, 2015.

ANEXO



Mapa coletivo do Museu da República



Mapa coletivo do UDFinho



Registro da publicação finalizada





